

The background consists of several overlapping triangles in various shades of teal and light green, creating a dynamic, abstract pattern. The triangles vary in size and orientation, some pointing upwards and others downwards. The word "Apresentação" is centered within one of the larger teal triangles.

Apresentação

Apresentação

No primeiro número da *Revista da Anpoll*, lançada em 1994, Sonia Maria van Dijck apresentou-a como importante veículo de divulgação da produção científica na Área de Letras e Linguística. Ao acolhermos esta voz inaugural, não poderíamos deixar de agradecer a todas as pessoas que integraram a Comissão Editorial e o Conselho Consultivo “prestando trabalho voluntário e emprestando nome e prestígio à Revista” ao longo dessas duas décadas, bem como parabenizar a Diretoria da ANPOLL no biênio 1994-1996 pela idealização e realização deste projeto.

A partir do tema que orienta o número 36 (vol.1), a saber, “Leitura, escrita e criação: Literatura”, por conta da heterogeneidade dos artigos aprovados para publicação, um sintoma fecundo das especificidades da nossa Área, organizamos esta edição em três partes. A primeira reúne artigos com abordagens teóricas pautadas nos estudos comparatistas e culturais. A segunda, os textos que centram as análises nas condições de possibilidade das narrativas modernas e contemporâneas. Enfim, na terceira parte traz artigos que refletem sobre as multiplicidades do poético, os usos da poesia na sala de aula e os estudos interartes.

A primeira parte inicia com o artigo “Agamben e Chartier, leitores de Foucault: um retorno ao autor”, no qual Fabíola Simão Padilha Trefzger apresenta uma reflexão sobre as motivações que propõem um retorno à categoria autor e os desdobramentos lógicos dessa tomada de posição. Já o título do artigo “Mário de Andrade e Silviano Santiago: dois casos de mediadores de cultura”, de Maria Andréia de Paula Silva, é autoexplicativo no que diz

respeito à proposta de pensar um modelo intelectual na contemporaneidade. Na sequência, Francisca Marta Magalhães de Brito em “A metaficção na poética de Rosa e Pessoa e o artifício das máscaras anagramáticas e heteronímicas”, faz uso da teoria do efeito estético de Wolfgang Iser para abordar contrastivamente dois ícones da literatura intercontinental. No artigo “Re-lendo José Guilherme Merquior: 40 anos de *Formalismo e tradição moderna*”, José Luís Jobim discorre sobre a atualidade de certas observações críticas de Merquior acerca da Indústria Cultural. E Luzmara Curcino e Débora Cristina Ferreira Garcia, em “Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses novos leitores de folhetim do *Correio Paulistano*”, identificam os elementos recorrentes na escrita de narrativas de ficção publicadas nas décadas de 1860 e 1870 responsáveis pela constituição do gênero romance-folhetim. Em seguida, Sergio Romanelli, em “Leitura da criação: os manuscritos literários como um sistema complexo”, procura investigar em que medida o que se designa “pensamento sistêmico” aplica-se ao estudo de manuscritos literários evidenciando o papel de seus criadores. Encerra-se a primeira seção com um artigo que remete ao número 35 desta Revista, uma vez que, em “Contribuições para uma reflexão sobre a literatura em contexto digital”, Rejane Cristina Rocha não só discute a relação entre a literatura e as tecnologias que lhe servem de suporte como também enseja uma recensão de parte da crítica produzida sobre o assunto.

O segundo conjunto de artigos, como dissemos, são afins pelo estudo de tessituras narrativas modernas e contemporâneas. Assim, em “Do pastiche sobre si: estilo e antropomorfismo no “Nausica”, de *Ulysses*”, Fabio Akcelrud Durão e Tauan Fernandes Tinti investigam as funções das diversas das vozes que compõem a trama textual da narrativa joyceana e as consequências disso para seus processos de constituição de sentido. Enquanto que Genilda Azerêdo, em “Banido do banquete da vida: a articulação entre o literário e o não literário em ‘A Painful case’, de James Joyce”, ensaia uma discussão sobre a articulação entre as textualidades literária (o conto) e a não-literária (reportagem jornalística) cujos recursos metaficcionais são lidos como importantes chaves de leitura desse conto. Fernanda Aquino Sylvestre, no artigo intitulado “O processo criativo em *The Brother*, de Robert Coover: uma releitura do sagrado na contemporaneidade”, discute a rees-

crita que o contista norteamericano faz da passagem bíblica da Arca de Noé sob o signo do pós-moderno. Em “Traços acinzentados do cotidiano em Primo Levi”, Bernardo Elizeu de Queiroz Monteiro reflete sobre micro-histórias (situações-limite, experiências traumáticas e de ressonância histórica) presentes em *É isto um homem?* e *A trégua*, de Levi. Na sequência, Francisco Zaragoza Zaldívar, em “O tema do desenvolvimento econômico em *Grande Sertão: Veredas*” tece considerações sobre os requisitos necessários para o crescimento econômico investigando em que medida eles são abordados no romance de Guimarães Rosa. E, fechando esta seção, em “Na teoria e na ficção: a vanguarda em Clarice Lispector”, Marília Gabriela Malavolta Pinho e Luiz Gonzaga Marchezan propõem uma leitura da prosa poética clariceana, em especial, do conto “Os desastres de Sofia”, lançado em 1964, como metáfora ficcional de um conceito de vanguarda filiado à tradição da poesia brasileira moderna.

Na terceira parte deste número, em “Fernando Pessoa e a Literatura Inglesa”, Cláudia Franco Souza demonstra através da análise de notas de leitura e listas de projetos localizados no espólio de Pessoa a importância de Shakespeare, Milton, Byron e Shelley na construção literária da ficção heteronímica; no artigo “A poesia é o mundo sendo: o poema na sala de aula”, de Christina Bielinski Ramalho, entre teorias e práticas, discute-se a presença do poema nas instituições de ensino básico e superior; em “Escritura, memória e associação: processos de criação de poemas por alunos recém alfabetizados”, Eduardo Calil de Oliveira analisa dois processos de criação de poemas escritos por alunos recém alfabetizados em contexto de sala de aula. No âmbito das discussões interartes, em “Da encenação do espaço social com o Barão Hausmann”, Naira de Almeida Nascimento aborda contrastivamente uma canção e um filme para evidenciar a homologia em relação ao espaço social e as tensões discursivas entre a Paris da época da reforma do Barão de Hausmann e o Brasil da era JK. Também situado num território fronteiriço entre literatura e outras artes, entre literatura e outros saberes, em “O texto fronteiriço de Gonçalo M. Tavares”, Maria Elisa Rodrigues Moreira evidencia, na prosa poética do escritor português intitulada *Breves Notas*, a potência de um pensamento fragmentário que indicia a impossibilidade das rígidas separações nos processos criativos. Essa seção

finaliza com o artigo de Carolina Fernandes, intitulado “O sujeito-artista e seus desdobramentos: uma análise discursiva do processo criativo do livro de imagens”, à luz da Análise de Discurso de linha francesa, para pensar a constituição do sujeito produtor e em que medida o *corpus* selecionado pode se instaurar no domínio do saber literário.

Após esta breve apresentação, resta constatar que passadas duas décadas concretizou-se a expectativa das palavras iniciais do número inaugural da *Revista da Anpoll* no qual ficou registrado o anseio de que aquele fosse o “primeiro de muitos números”. Ao chegarmos à publicação do número 36 – no trigésimo aniversário da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – , cumpre dizer que a revista alcançou a sua maturidade graças a um empenho coletivo. Em suma, não seria errôneo afirmar que o presente número surge como efetiva contribuição para assegurar a continuidade deste importante replicador de pesquisas acadêmicas da nossa Área.

Andréia Guerini
Stélio Furlan